

CONSCIÊNCIA EM SARTRE

Aluno: Marcelo Norberto
Orientador: Sérgio Fernandes

Introdução

O conceito de consciência em Sartre ganha uma nova dimensão, se distanciando da tradição filosófica. Influenciado pela Fenomenologia, Sartre rompe com a filosofia do sujeito e nos apresenta uma nova forma de compreender a consciência, , immortalizando a frase “a existência precede a essência”.

Objetivos

Este trabalho pretende iniciar um estudo de como o filósofo Jean-Paul Sartre lidou com a questão da consciência na sua obra magna “O Ser e o Nada”, destacando a sua importância do conceito da consciência para a compreensão de sua filosofia existencialista. Busca entender as bases que permitiram a construção do pensamento existencialista, tão marcante nas décadas de 40, 50 e 60 do século passado.

Metodologia

O trabalho foi desenvolvido basicamente através da leitura direta do livro “O Ser e o Nada”, obra monumental publicada em 1943. Devido a extensão e complexidade desta obra e a natureza desta pesquisa, de iniciação científica, o projeto se deteve na parte inicial(Introdução e Primeira Parte) e nos conceitos-chave(como o conceito de ser-para-si, por exemplo) desta obra. Além disso, recorreremos à leitura de comentadores que permitiram uma abordagem mais segura e esclarecedora do tema em questão. Por fim, as dúvidas restantes foram debatidas em encontros periódicos com o orientador.

Conclusões

A filosofia sartriana é singular no âmbito do pensamento contemporâneo quanto a questão da consciência. Sartre inicia sua investigação a partir da herança da filosofia moderna. Reconhece o mérito do fim da dicotomia essência e aparência, porém rejeita a saída utilizada do subjetivismo.

Nesta análise, Sartre se aprofunda nas questões levantadas por Descartes e, à luz da Fenomenologia de Husserl, o reinterpreta, elevando a teoria de conhecimento cartesiana à uma teoria existencialista, a sua própria. Neste ponto, ele rompe o subjetivismo moderno ao identificar um *cogito* pré-reflexivo que antecede o *cogito* reflexivo de Descartes.

Em seguida, nosso autor investe sua atenção ao conceito de fenômeno, estrutura fundamental da sua compreensão de consciência. Para Sartre, não há a cisão kantiana do ser e do fenômeno. O ser do fenômeno é justamente aquilo que se mostra. Não há nada por trás da aparência.

Esta compreensão nos leva a entender o conceito de ser-em-si e de ser-para-si. O ser-em-si nada mais é do que o ser do objeto. Ele é fechado, pleno, completo e recusa-se a alteridade. Ele é a caracterização exata de um ser parmenídico. Já o ser-para-si é o homem, ou seja, é o ser dotado de consciência. E como a consciência é sempre consciência de alguma coisa(intencionalidade de Husserl), a consciência surge em direção ao que não é ela, ou seja, ao ser-em-si.

Com a análise do ser-em-si e, principalmente, do ser-para-si, chegamos terceiro conceito fundamental no existencialismo sartriano: o Nada. O ser-para-si se caracteriza pela falta, por ser nada, nada de substancial. Como Sartre muito bem nos demonstra que estudo da realidade humana sempre nos indicará um binário irreduzível: O ser e o Nada. Assim percebemos que o ser-para-si se lança sempre em direção ao ser-em-si, justamente por ser ausência de conteúdo.

Ao pensarmos como o homem se constitui deste nada, chegaremos a mais um ponto central na filosofia de Sartre: a liberdade. Como o homem é constituído deste nada, qualquer tentativa de determinação levará sempre a um indeterminação. Logo incidiremos na liberdade. A liberdade é marcada por esta existência do nada, que nos é apresentada na angústia.

Claramente percebemos que a liberdade é essencialmente de natureza humana e indissociável da nossa existência. Esta condenação à liberdade leva o homem a tentar fugir de sua própria condição através da má-fé. A má-fé nada mais é do que a tentativa do homem de fugir de sua condição (de condenado à liberdade), se associando a uma imagem criada de si mesmo ou de um papel social que tenta retirar a liberdade de sua condição, aliviando assim seu sentimento de angústia. Mas a má-fé, em última análise, não deixa de ser o exercício radical da liberdade, já que este mentir é um mentir a si mesmo, não deixando de ser uma possibilidade de escolha, dentre várias.

Por último, ainda dentro do conceito de má-fé, é analisado a questão da sinceridade. A sinceridade é sempre uma tentativa da consciência de coincidir com ela mesma. Porém a consciência, como já vimos é sempre consciência de alguma coisa, nunca de si mesma(em-si). Sendo assim, a sinceridade é um projeto cujo o destino será sempre fracassado.

Referências

- 1 - SARTRE, J. P. O ser e o nada. 13. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. 782p.
- 2 - BORNHEIM, Gerd. Sartre. 3.ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 2000. 315p.
- 3 – GÓIS E SILVA, Cléa. Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Puc-Rio. 140p.
- 4 – FEITOSA, André Luis de Oliveira. O homem é sua liberdade – definição paradoxal do humano na filosofia de Jean-Paul Sartre. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Puc - Rio. 77p.